

LISTAS DE ARTISTAS NUNCA SÃO SOMENTE LISTAS, VERSÃO 2.0

DOI
[https://dx.doi.org/10.11606/
issn.2525-3123.gis.2019.162330](https://dx.doi.org/10.11606/issn.2525-3123.gis.2019.162330)

MARCIA VAITSMAN¹

Pesquisadora independente, Nova York,
Estados Unidos

RESUMO

Reflexão sobre trabalhos de artistas contemporâneas e suas obras, com caráter autonarrativo e autobiográfico, que contemplam a desorientação, a impermanência e a estrangeiridade, enfocando a atividade de fazer listas, catalogação, organização, arquivos, o interesse pelo alfabético, numérico, cartográfico e, por outro lado, o inclassificável, o que é cifrado, a desorientação e o *et cetera*. Traz o vídeo *10 delírios em 10 sutras* (2017) e a lista *100 palavras que descrevem as imagens do deslocamento* (2017) como exemplos, usados como instrumentos para entender suas próprias localidades e suas temporalidades, para abordar aspectos de uma situação ético-estética, transitória, do deslocamento.

PALAVRAS-CHAVE

Lista; transdisciplinar;
deslocamento;
desorientação; *et cetera*.

ABSTRACT

These are thoughts on the working process of contemporary artists and consequently the resulting artifacts that assume forms of lists. It includes references to auto-narratives and autobiographies of artists working with impressions of disorientation, impermanence and foreignness. Focusing on the making of lists, catalogs, archives and on the interest in alphabetical, numerical, cartographical organization, and thus also on the unclassifiable, on what cannot or has not been decoded, on disorientation, and on all

1. Ph.D, artista da *video art* que também cria jogos. Atualmente desenvolve uma série de jogos de tabuleiro chamada *Jogos de Alteridade*. É pesquisadora independente e esforça-se para estabelecer o diálogo entre diversas áreas da academia e o mundo da arte. Originalmente de São Paulo, viveu em oito países e agora escreve de Red Hook, Brooklyn, NY, onde é residente do projeto De-Construkt.

KEYWORDS
List; transdisciplinary;
displacement;
disorientation;
etcetera.

that can fit into the category of “etcetera”. As examples of lists, the video *10 Delírios em 10 Sutras* and *100 Words to Describe Images of Displacement* (2017) are presented as tools to pinpoint spatial and temporal aspects of a possible ethic-aesthetic of displacement.

Inicialmente este texto fez parte da investigação *Imagens do deslocamento*², indagação sobre aspectos de uma possível ética-estética da estrangeiridade, do trânsito e da impermanência. Uma das problemáticas estabelecidas durante o processo foi a validação da autonarrativa, para a aproximação da arte através de obras, mas também da vida, do testemunho, das próprias artistas. Uma outra foi a verificação de que necessitaria de uma visão transdisciplinar ou, como se preferiu usar, por se tratar de viagens, migrações, arte, subjetividade, de uma abordagem ecosófica, conceito de Félix Guattari (1990), que descreve uma ciência dos ecossistemas políticos, éticos, estéticos e analíticos, criando novos códigos de valores pela vida, considerando relações gentis entre sexos, gerações, etnias e raças. Ecologia de saberes e o entendimento das subjetividades humanas e sua complexidade, necessários como reinvenção constante por causa de rupturas socioculturais também constantes, que como consequência geram problemáticas inéditas e transversais. Ecologia de saberes e o entendimento das subjetividades humanas, esforços que se aproximam da atividade de artistas (Vaitsman 2017b), do *saber-fazer*³ de artistas.

A solução primeira para esse necessário aspecto ecosófico foi a elaboração de listas que no começo eram simples (X e Y), chegando, porém, a situações de mais complexidade (X e Y)². Entenda-se Z como outros fatores que cabem ou modificam essas listas – em alguns casos, a adição de tempo, como no vídeo; ou a adição de várias versões da mesma lista; ou até a sua tradução, que requer uma ordem alfabética diferente, forçando novos significados entre os itens. Há diversas possibilidades de imaginar o valor que a variável Z poderia assumir. Neste artigo, como versão 2.0, apresentam-se desdobramentos, reformulação, de ritmo e forma, das relações primeiras que saíram das obras de arte, com autonarrativas, e que foram contaminadas por diversas áreas do saber, pela percepção de existir como artista, pelo pensar e o fazer como artista. Em resumo: relações que são “inventário do mundo” (Maciel 2008, 121) que acontece dentro dos nossos próprios estúdios. E, por serem relações emaranhadas, que a nossa condição *sapiens* de

2. Doutorado em Arte Contemporânea, formado por texto com 331 páginas, jogo de tabuleiro, vídeo e um livro de mapas (Vaitsman 2017b).

3. Não se trata de “saber fazer”, mas, sim, de uma atividade híbrida e balanceada de saber e fazer, em que nenhum dos verbos é subordinado ao outro.

humanidade nos permite, a ideia de *com-plexo*, que inclui, dentro do seu próprio significado, também o que está ao redor dele, inclui ainda a abordagem da mesma situação, por pontos de vistas diversos. E, assim, falaremos sobre as coisas por diversos ângulos: listas de uma artista suíça, de um cineasta britânico, de um artista brasileiro que durante boa parte de sua vida foi institucionalizado como paciente psiquiátrico, de uma artista brasileira que aborda a questão do deslocamento. Falaremos do deslocamento como desorientação mesmo sem sair de casa, como falta de pertencimento ao local ou ao atual, como viagens e migração, como o contato com um alienígena, como falta de entendimento de línguas estrangeiras ou de textos cifrados, como transformações do *psi*, como “experiências estéticas e como mutações dos padrões de cognição” (Lichtenberg-Ettinger 1994, 38, tradução da autora). Falaremos de arte como produção audiovisual, como o poder de fazer com o intuito de poder entender, como palavras que nos protegem, como representação do que somos como humanidade, como atividade que conecta diversos saberes.

Por acaso, havia na mesa da casa que habitei em Bangalore o livro de Pipilotti Rist: 69 palavras, ou 70, se incluirmos o próprio nome da publicação, *Glossary*, parte de uma caixa com fotos impressas chamada de *Your saliva is my diving suit in the ocean of pain* (Rist 2016). Saliva como proteção no oceano de dor cria em mim uma imagem da saliva como palavra negociadora de sentidos num ambiente coletivo, porém, a saliva protetora é de quem lê, a tua: *your*, e o ambiente coletivo é dor. São muitas palavras protetoras, como ansiedade, sangue, mal, feminismo, amigos, luxúria, mãe, pele, espaço, rituais, cromossomo XX (Rist 2016). Saliva também é o *texto-baba*⁴ conceito de Suely Rolnik (Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP 2016b), que propõe um tipo de escrita fluída que desafie a rigidez de discursos, principalmente o acadêmico. Saliva também é a *Baba Antropofágica*, de Lygia Clark, de 1973, um gesto de sedimentação do coletivo sobre um corpo individual.

Artistas fazem listas. Roteiros de filmes são instrumentos textuais que listam instruções sincronizadas para fotógrafos, atores, figurinistas, diretores de cena e produtores. Os trabalhos da *media art* com base de dados, ou automatizados, são listas de comando que interligam ação, texto, gráfico, som e imagem. São listas as pinturas de On Kawara que mostram datas sobre tela, ou seus dois volumes de livros, *One Million Years* (1999), com 2 milhões de anos listados um atrás do outro, 1 milhão de anos no futuro e 1 milhão de anos no passado: 748207 a.C., 748206 a.C., 748205 a.C..., com a dedicatória no primeiro volume “Para todos os que

4. Trabalhamos esse conceito no seminário Novos Povoamentos, do Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP, de 29-30 de setembro de 2016 (Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP 2016a).

viveram e morreram” (passado) e “Para o último vivo” (futuro) (Nuova Icona 2017). São listas também os nomes de cidades bordados em tecido por Bispo do Rosário, obras sem data. Ele também criou inventários de objetos do dia a dia, relacionados a listas com nomes de países, mapas, coleções de formas geométricas irregulares. Estão diretamente relacionados com a lista dos *100 objetos para representar o mundo*, de Peter Greenaway, ópera-pop de 1997, criada para desenhar a humanidade na situação de um contato com o *Outro* – no caso, outro mesmo, como extraterrestre. Em 1997, duas naves espaciais foram lançadas de Cabo Canaveral contendo material representativo da vida na Terra: “A ambição do projeto era fazer contato hipotético com inteligência extraterrestre. A escolha do material foi subjetiva, feita por uma comunidade dos Estados Unidos, cientificamente escolarizada, dos anos 1970, com atitude paternalista em relação ao resto do mundo. Mas por que ninguém nos consultou?” (Greenaway e Boddeke 1997, tradução da autora). Por dez anos, carreguei comigo o catálogo dessa ópera de Greenaway, à qual assisti em São Paulo. Um documento que me lembrava que outros também buscavam destilar algum tipo de imagem-lista do que nós somos, no coletivo, como humanidade.

Na visita de Greenaway ao Museu de Imagens do Inconsciente Nise da Silveira,⁵ no Rio de Janeiro, o que chamou a atenção para o trabalho de Bispo foi como tratava as suas taxonomias: “zombando da mania de intelectuais de catalogar tudo e transformar o mundo em enciclopédia” (Greenaway citado em Maciel, n.d., tradução da autora). Greenaway, atento ao investigar, colecionar e agrupar, identificou-se com a catalogação de Bispo, não por uma sensação ilusória de completude, mas por entender que, além do funcional, a importância do que é alfabético, o numérico, o estatístico e o cartográfico é de existirem por si mesmos (Maciel, n.d.).

A enciclopédia de Bispo incorpora o que os enciclopedistas franceses excluíram de seu projeto com o propósito de torná-lo exequível: as redundâncias, os restos, os saberes e coisas inclassificáveis, a matéria-prima da experiência vital, os registros das margens, enfim, tudo o que poderia ser colocado sob o rótulo abrangente e impreciso do “*et cetera*”. Daí que ela se aproxime menos das enciclopédias sistematizadas da era moderna do que dos modelos enciclopédicos anteriores ao século XVIII (em especial o de viés renascentista) e das obras enciclopédicas de escritores e artistas contemporâneos, como Jorge Luis Borges, Ítalo Calvino, Georges Perec, Umberto Eco e Peter Greenaway, que criaram, cada um a sua maneira, verdadeiros antissistemas de ordenação, abalando – seja pelas leis paródicas da ficção, seja pelos princípios desestabilizadores da poesia – a própria lógica taxonômica que os define quanto “inventários do mundo” (Maciel 2008, 121).

5. Psiquiatra brasileira opositora de técnicas como lobotomia e eletrochoque, que colecionou mais de 50 mil obras de arte (Silveira 2014).

10 DELÍRIOS EM 10 SUTRAS⁶

Tentando solucionar uma parte da investigação *Imagens do deslocamento*, o que mais tarde tomou forma de um vídeo chamado *10 delírios em 10 sutras*, havia ainda o incômodo de que o estudo “tratava de muitas coisas”, enquanto no íntimo entendia que tratava apenas de uma única coisa, a percepção de um estado temporário – principalmente como interrogação “o que estamos?” – e as diversas faces dessa pergunta: como, desde quando, até quando, onde. A investigação mais ampla sobre as *Imagens do deslocamento* deveria ser entendida como: *imagens*, no sentido de perceber e contemplar, e *deslocamento*, no sentido de existir em um estado transitório sempre, que a nossa língua potencia com o verbo *estar*. *Dez delírios em 10 sutras* é um vídeo a cores, de dez minutos, com trilha sonora de Cristiano Moro. Encontra-se neste endereço: <https://vimeo.com/218848422> e é parte indispensável deste texto. É uma obra que aborda, no audiovisual, questões sobre a estranheira, como a desorientação, o devir, o acaso, a velocidade e a falta de controle. É uma obra sobre listas, como tentativa de se agarrar a algum tipo possível de ordem. Buscou-se trabalhar esses aspectos na pós-produção das imagens hipersintéticas, quase como um livro de colagens *pop-up*; no som, com uma composição contínua para guitarra desafinada; e no texto, com função dupla, servindo às vezes como texto para ser entendido e às vezes como textura – (texto + ruptura) quando a língua deixa de fazer sentido. Há português, inglês, alemão e textos cifrados com Vigenère – mesmo a autora não tem mais memória do que foi cifrado. A velocidade de exibição dos textos sugere também deriva e falta de controle. Às vezes aparecem e desaparecem sem a possibilidade de transmitirem mensagem. É possível que gerem desorientação. Esse vídeo não é traduzido nunca, como precisam de tradução os textos de filmes documentários, simplesmente porque, quando a língua não é entendida, o texto vira textura. É assim uma das sensações de desorientação e estranheira, em que a nossa alfabetização não significa nada, como em lugares da Índia onde as placas estão em canará, ou mesmo em partes de Tóquio. “A memória polimórfica e fragmentada [...] é resultado da situação de ser estrangeiro, fenômeno que também surge em sua linguagem de quebra-cabeças que não consegue reconstruir um passado compacto e contínuo, pois o exílio destruiu todo o seu senso de pertencimento” (Kristeva e Roudiez 1991, 33-34, tradução da autora). Acompanhando o vídeo há esta reflexão:

De um lado, as coisas são tão complicadas que os textos, que antes traduziam a realidade em notícias ou documentários sobre tempos atuais (e que no futuro seriam um roteiro de inteligência desse tempo qualquer), tornaram-se agora uma textura irregular, cheia de dobras, buracos e contradições.

6. Vaitsman 2017a.

Abreviações, meias-verdades, *fake news*... Textos de hoje são escritos continuamente por milhões de pessoas e ejetados em tempo real a um espaço público transparente, existente em caixas-pretas, os servidores, que são infinitamente maiores do lado de fora do que do lado de dentro. Nossos “roteiros da realidade” são agora uma textura rasgada, um mapa topográfico de *sinkholes*, com uma notação única: a palavra “ruptura” [texto + ruptura = textura] define as coisas só a partir do momento em que elas deixam de existir?

Do outro lado, um espaço tranquilo, infinitamente maior por dentro do que por fora (como a Tardis, de *Doctor Who*, e como prova de que isso é possível). Espaço de pequenas mudanças, onde a desordem matemática [texto + ruptura = textura] do lado de fora se torna nada mais do que um rádio tocando no fundo, na casa de um vizinho, num domingo ensolarado na cidade de São Paulo - enquanto fazemos pão.

De repente, as cenas são trocadas e a imagem calma se aproxima mais de uma visão do que deve ser “natural”. E a outra imagem, sobrecarregada, parece mais com o que acontece dentro de nossas mentes. Inicialmente é uma ordem binária, e gradualmente as situações se repetem: como uma caixa dentro de outra caixa, dentro de outras caixas desorientadoras e pulsantes (Vaitsman 2017a).

O DESLOCAMENTO

Como é ser, pensar, saber e fazer em situações de trânsito e deslocamento? A viagem faz parte da história da humanidade, e os contos datam desde a caminhada de Hanuman⁷ para o oeste ou a caminhada do povo judeu pelo deserto em busca da terra prometida por Jeová, como destino. Os contos mitológicos e ancestrais podem ser entendidos como analogia às transformações do psi, como “experiências estéticas e como mutações dos padrões de cognição” (Lichtenberg-Ettinger 1994, 38, tradução da autora). “O que está em jogo na viagem não é descobrir países distantes e os hábitos exóticos, mas fazer um movimento delicado de mapeamento dos significados do *lá* e do *aqui*” (Rancièrre 1994, 30, tradução da autora). Porém, o sedentário contemporâneo sente-se em casa, em qualquer lugar, com seus celulares em conexão contínua com outros sedentários, visitando localidades padronizadas pela indústria do turismo. O nômade, por outro lado, não se encontra em casa em lugar nenhum porque é excluído de pertencer, de poder ficar. Excluído até dos conceitos de lugar ou local. É possível que aconteça algo no futuro como uma fundição esdrúxula entre turistas e exilados em massa – 1 bilhão de pessoas serão deslocadas nas próximas décadas (Virilio e Richards 2012).

7. No poema épico indiano *Ramayana*, Hanuman é o deus dos macacos.

Dois outros aspectos do deslocamento relacionados à desorientação são o medo e a velocidade. O primeiro como um instrumento de controle e de poder sobre o Outro. E a velocidade, que cria desorientação em larga escala, amansa as pessoas, na melhor das hipóteses, e, na pior, paralisa no pânico. Assim descreveu Hannah Arendt: a *Blitzkrieg* alemã causou um terror materializado ao acelerar a realidade (Virilio e Richards 2012). A incrível expansão da tecnologia do tempo real, de informação e comunicação, gera desorientação, que chega como um tipo de sincronização da experiência, marcha sincronizada, súbita globalização ao vivo dos afetos, tudo em nome do progresso, afetos gerais que incluem o pânico (Virilio e Richards 2012) e as paixões tristes⁸. “Em menos de um século, nosso ambiente mais familiar foi transformado. As categorias de sensação, percepção e imaginação foram interrompidas por inovações tecnológicas e pelo poder do aparelho industrial que as projetou” (Augé 2015, 48, tradução da autora). “Enquanto a revolução industrial produziu um tipo de padronização do modo de viver, a revolução do computador produziu uma sincronização” (Virilio e Richards 2012, 83, tradução da autora), quem não se move no ritmo padronizado está excluído até dos conceitos de temporalidade ou contemporaneidade.

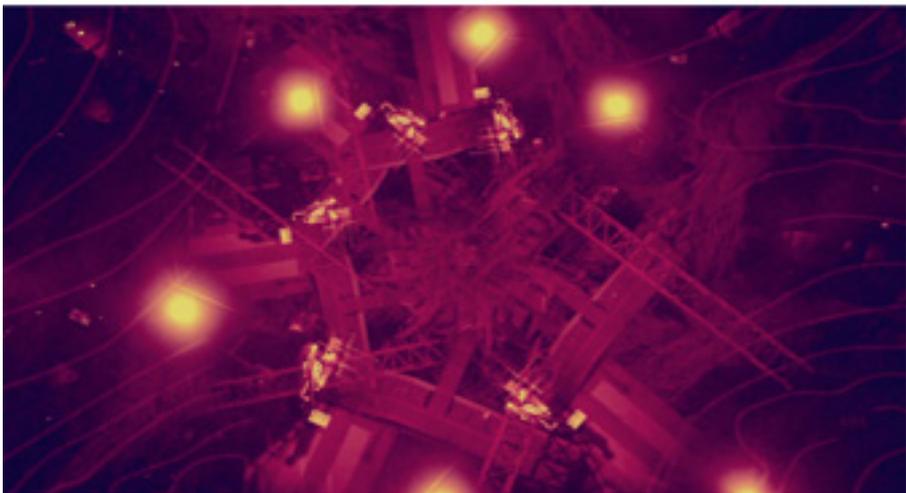
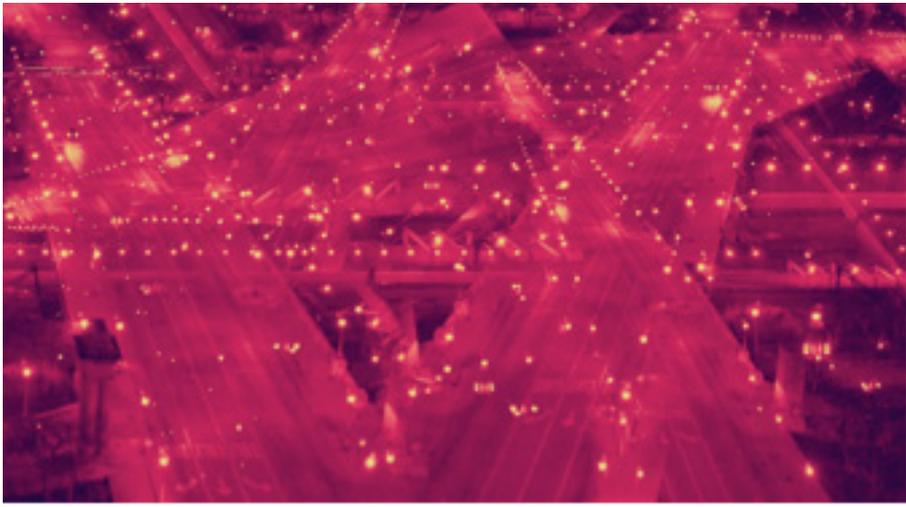
Ao iniciar a investigação *Imagens do deslocamento*, em 2014, parecia que a contemplação da desorientação seria particularmente ligada à questão autobiográfica da migração e das viagens, de ter vivido em oito países, porém, depois do desastre ambiental de Mariana, ou a chamada morte do rio Doce, represa rompida de lixo tóxico com quantidades astronômicas de mercúrio, arsênio, crômio e manganês (BBC News 2015), o golpe que ocorreu em meio a 450 kg de pasta de cocaína em helicóptero de um senador que estava na comissão que julgou e sentenciou Dilma Rousseff (Soares 2016), os processos judiciais de Luiz Inácio Lula da Silva e as eleições de 2018, em meio a escândalos de abuso do WhatsApp, caixa dois e *fake news* (Soares 2016), o tabuleiro do jogo começou a ruir. Pessoas que ficaram exatamente onde estavam sentem⁹ um tipo de desorientação pela velocidade dos golpes sucessivos, como mudanças relâmpago no que reconhecem como *realidade*. Assim, não é possível falarmos também de uma *estrangeiridade-em-casa*?

Partindo dos aspectos que emanam da pergunta, se é possível perceber uma estética-ética do deslocamento, do trânsito e da impermanência,

8. Referência aos textos sobre paixões tristes, de Rolnik (2014) e de Chauí (2016).

9. Como parte de cinco grupos políticos de discussão feminista e LGBTQ, percebe-se que o sentimento de desorientação, assim como insegurança e medo, é uma das questões mais urgentes e debatidas. Os grupos são: Mulheres pela Democracia (560.869 membros), Mulheres da Resistência no Exterior (3.897 membros), LGBTQI+ Resistência pela Democracia (438.922 membros), Mulheres Unidas Contra Bolsonaro (3.744.165 membros) e Mulheres e Homens Unidos Contra Bolsonaro (374.798 membros). Nomes dos grupos e dados do dia 9 de novembro de 2018.

essa complexidade pareceu quase intransponível se não fosse pela intensidade e flexibilidade do “poder fazer da arte” como “poder de entendimento”. A investigação *Imagens do deslocamento* deveria referir-se também ao estado da arte, ao acúmulo dos saberes, ao teórico – como faria uma artista uma abordagem dessas? Retorna-se então ao vídeo *10 delírios em 10 sutras*, que denota o número 100 da ópera de Greenaway, uma lista de palavras e as conexões entre elas, em forma de sutras, linhas ou suturas. Apresenta-se então uma lista de cem conceitos, sempre evitando excluir o caráter de arte, como articulação, que oxigena o oceano da saliva de Rist, Clark ou Rolnik, das babas até o sentido das coisas. Assim, ao cruzar delírios, com sutras e conceitos, fez-se a lista de palavras, que deve conduzir da leitura ao entendimento desses aspectos do transitório na arte. A lista com cem conceitos para descrever as imagens do deslocamento origina-se na observação das próprias obras e vidas e deve ajudar o olhar que se direciona então novamente para as obras. A lista funciona como substituição da explicação exaustiva, sabendo que as listas podem existir por si mesmas, repetindo a citação de Peter Greenaway, e sabendo que as listas de artistas nunca são somente listas. São inventários do mundo com lógica taxonômica própria (Maciel 2008).



0 .51	LUGAR MÍTICO .51	01. ACASO	
AS ERRANTES .53	MAPAS .52	02. ALIANÇAS	
CULTURAL .54	MATEMÁTICAS ERRANTES .53	03. ALTERIDADE	
ASILEIRA .56	MEDIAÇÃO CULTURAL .54	04. ANIMAL	ANIM
TICAS .57	MEDO .55	05. ANIMISMO MAQUINICO	
59	MESTIÇA BRASILEIRA .56	06. ARTESANAL	A
BO .60	MICROPOLÍTICAS .57	07. AUTOBIOGRAFIA	AU
ARALISMO .62	MÍDIA .58	08. AUTOETNOGRÁFICO	A
ARALISMO .63	MISRAÇÃO .59	09. AUTONARRATIVA	
DO EU .64	MISCIGENAÇÃO .60	10. AUTONOMIA	
MOAMENTOS .65	MORTE .61	11. AUTORIA	
6	MULTICULTURALISMO .62	12. AUTORIZAÇÃO	
MO .67	MULTINACIONALISMO .63	13. AUTÓPSIA	
DO .69	NARRAÇÃO DO EU .64	14. AYAHUASCA	
DADE .71	NOVOS POVOAMENTOS .65	15. BODENLOS	
GENS .72	OUTRO .66	16. CAOSMOSE	
4	ORIENTALISMO .67	17. CODEX SERAPHINIANUS	CODI
75	ORIGEM .68	18. COLETIVIDADE	
A AUTENTICIDADE .76	ORNAMENTO .69	19. COMPLEXIDADE	
RETÓRICA DA AUTENTICIDADE .76	PODERES .70	20. CONSCIÊNCIA	
8	PRECARIEDADE .71	21. CONTEMPORÂNEO	CA
	PROTOIMAGENS .72	22. CORPO	
	BURGA .73	23. COSMOGONIAS	
	RACISMO .74	24. COSMOPOLITANISMO	COS
	REPETIÇÃO .75	25. CURA	
	RIZOMA .77	26. DESCOLONIZAR	
	RUPÇÃO .78	27. DESENHO	
	RUPURA .78	28. DESLOCAMENTO	
	RYUKYU .79	29. DESORIENTAÇÃO	
	SUBERES .80	30. DESTINO	
	SEXO .81	31. DEVIR	
	SOCIOESPACIALIDADE .82	32. ECOSOFIA	
	SUBALTERNIDADES .83	33. ESCUTA	
	SUBJETIVIDADE .84	34. ESTÉTICA-ÉTICA	E
	SUBLIME .85	35. ESTRANGEIRO	
	ROLNIK E GUATTARI .86	36. FANTASMA	
	SUTRAS .87	37. FARSA	
	TECHNE .88	38. FEMINISMO	
	TECNOXAMANISMO .89	39. FEMINISMO PÓS-COLONIAL	FEMIN
	TERRITÓRIOS .90	40. FUTURO	
	TEXTURA .91	41. GEOMETRIAS ERRANTES	GEOM
	TRANSCULTURAÇÃO .92	42. GUAMAN POMA	
	TRANSMIGRAÇÕES .93	43. HANUMAN	
	TRANSPARÊNCIA .94	44. HOMO LUDENS	
	TRAUMA .95	45. IDENTIDADE	
	VELOCIDADE .96	46. IMPERMANÊNCIA	
	VISÕES .97	47. JOGO	
	VULNERABILIDADE .98	48. KAXINAWÁ	
	XAMANISMO .99	49. LABIRINTO	
NTATO .100	ZONA DE CONTATO .100	50. LINEARIDADE	

[2]

LISTA DE IMAGENS

[1] Stills de *10 delírios em 10 sutras*, 2017.

[2] *100 palavras que descrevem as imagens do deslocamento*, 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Augé, Marc. 2015. *The future*. Tradução: John Howe. New York: Verso.

BBC News. 2015. "Brasil dam toxic mud reaches Atlantic via Rio Doce estuary". YouTube vídeo, 44". <https://www.youtube.com/watch?v=SCkfKKPqAqA>.

Chai, Marilena. 2016. "Liberdade é afastar as paixões tristes." *Carta Maior*, 22/9/2016. <http://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Marilena-Chai-Liberdade-e-afastar-as-paixoes-tristes-/4/36877> (acessado em 9/11/2018).

Greenaway, Peter e Saskia Boddeke. 1997. "100 objects to represent the world". *Changing Performing Arts Website*. <http://www.changeperformingarts.com/history/100objects.html> (acessado em 9/11/2018).

Guattari, Félix. 1990. *As três ecologias*. Tradução: Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus.

Guattari, Félix. 1995. *Chaosmosis: an ethico-aesthetic paradigm*. Tradução: Julian Pefanis. Bloomington: Indiana University.

Kristeva, Julia e Leon Roudiez. 1991. *Strangers to ourselves*. New York: Columbia University.

Lichtenberg-Ettinger, Bracha. 1994. "The Becoming Threshold of Matrixial Borderlines". Em *Travellers' tales: narratives of home and displacement*, 38-62. New York: Routledge.

Maciel, Maria Esther. 2008. A enciclopédia de Arthur Bispo do Rosário. *Outra Travessia*, no. 7 (janeiro): 117-124. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/11983/11252>.

Maciel, Maria Esther. N.d. "The inventory of the world: Peter Greenaway and Arthur Bispo do Rosário". <http://petergreenaway.org.uk/essay2.htm> (acessado em 31/3/2017).

Mello, Patrícia Campos. 2018. "Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp". *Folha de S.Paulo*, 18/10/2018. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> (acessado em 9/11/2018).

Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. 2016a. "Novos povoaamentos". http://novospovoaamentos.wixsite.com/novos_povoaamentos (acessado em 16/6/2017).

Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP. 2016b. "Suely Rolnik e o texto baba". Vimeo vídeo, 10' 42". <https://vimeo.com/175939186> (acessado em 9/11/2018).

Nuova Icona. 2017. On Kawara: One million years (Reading). *Nuova Icona – Cultural Association for the Arts*. <https://nuovaicona.org/exhibitions-and-events/san-ludovico-oratory/on-kawara-one-million-years> (acessado em 8/11/2018).

Rancière, Jacques. 1994. "Discovering new worlds: politics of travel and metaphors of space". Em *Travellers' tales: narratives of home and displacement*, 29-37. New York: Routledge.

Rist, Pipilotti. 2016. *Pipilotti rist: your saliva is my diving suit in the ocean of pain*. Cologne: Snoeck.

Rolnik, Suely. 2014. "Amor: o impossível... e uma nova suavidade". *Territórios de Filosofia*, 7/6/2014. <https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/06/07/amor-o-impossivel-e-uma-nova-suavidade-suely-rolnik> (acessado em 9/11/2018).

- Silveira, Nise da. 2014. "Imagens do inconsciente: vida e obra". *Centro Cultural do Ministério da Saúde*. <http://www.ccms.saude.gov.br/nisedasilveira/imagens-do-inconsciente.php> (acessado em 9/11/2018).
- Soares, Luis. 2016. "Dilma será julgada pelo dono do helicóptero do pó, por um algemado e por um cassado". *Pragmatismo Político*, 31/8/2016. <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/08/dilma-foi-enquadrada-pelo-dono-do-helicoptero-do-po-e-por-um-algemado.html> (acessado em 9/11/2018).
- Vaitsman, Marcia. 2017a. "10 delírios em 10 sutras". Vimeo vídeo, 10' 01". <https://vimeo.com/218848422> (acessado em 8/11/2018).
- Vaitsman, Marcia. 2017b. "Imagens do deslocamento". Tese de doutorado em Arte Contemporânea, Universidade de Coimbra.
- Virilio, Paul e Bertrand Richards. 2012. *The administration of fear*. Tradução: Ames Hodges. Los Angeles: Semiotext.

MARCIA VAITSMAN é doutora em Arte Contemporânea pela Universidade de Coimbra, Portugal, trabalhou no grupo de artistas e docentes da KHM (Academia de Arte e Mídia), Alemanha. Recebeu diversos reconhecimentos e fomentos de projetos, tais como da Fundação Prince Claus Fund, Holanda, da FUNARTE, RJ e da Fundação Bienal de São Paulo; foi agraciada com o prêmio UNESCO-Aschberg, França para residências na HIAP, Cable Factory, Helsinque e o fellowship do IAMAS, Japão. Convidada em festivais de vídeoarte, tendo exibido trabalhos nas Américas, Japão e Europa. Foi artista e pesquisadora convidada da SCAD Lacoste e da Parsons NY. E-mail: marciavaitsman@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 11/11/2018

Aprovado em: 18/12/2018